

## HISTÓRIA EM QUADRINHO COMO MEIO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Rodrigo Soares Samersla. Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) E-mail: rodrigosamersla@gmail.com

História em Quadrinho, Artes Sequenciais, HQ, Tiras, Gibis, Comics, Fumetti, Historietas, Mangás, Manhwas, Graphic Novel, Banda Desenhada. As Histórias em Quadrinhos estiveram, pelo menos em algum momento, em contato com a vida de todos. Elas estão presentes nos jornais, em formas de tiras diárias, ou em revistas que denominamos infantis ou infanto-juvenis, fazendo parte de nosso imaginário em todas as épocas de nossas vidas. Elas são fontes de lazer e entretenimento, da qual muitos de nós fugimos do cotidiano para entrar em outro mundo, repleto de novas histórias e grandes personagens. Mas o que as Histórias em Quadrinhos têm a ver com a Filosofia?

É a essa interrogação que esse artigo tem como função responder. Como podemos utilizar esse meio em sala de aula, buscando a integração entre os alunos e o professor, em um dialogo filosófico constante?

Inicialmente, devo relatar a história das Histórias em Quadrinhos. Esse relato foi retirado do livro *Histórias em Quadrinhos – Leitura crítica*, sendo essa obra organizada pela professora Doutora Sonia Maria Bibe Luyten, Doutora de Comunicação e uma grande divulgadora desta arte no Brasil, principalmente como meio pedagógico. Esse resumo foi sintetizado de forma breve e superficial, apenas como forma de introdução ao tema abordado.

O aparecimento das artes gráficas na Europa, unindo ilustração e texto, pode ser chamado de *a origem das Histórias em Quadrinhos*, mas sua popularização e autonomia só vieram mesmo nos Estados Unidos da América, no final do século XIX. É neste momento que aparecem as *comics*, ou seja, suplementos dos jornais daquela época. Era um caderno a parte, mas os jornais sentiram uma influência positiva nas suas vendas exatamente por esses suplementos. Na verdade, o momento em que as Histórias em Quadrinhos são consideradas um novo movimento de arte, uma nova Arte, é nos anos 30. Em meados dos anos 40, surge a primeira crítica a ela, feita pelo Doutor psiquiatra Frederic Wertham, na obra *Sedução dos Inocentes*, sofrendo por isso uma aversão nos meios acadêmicos. Na década seguinte, as Histórias em Quadrinhos assumem novamente seu lugar de destaque nos meios de comunicação, inspirando movimentos de arte da qual são nomeados de ‘pop-art’, e sendo valorizado como fonte

de inspiração. Nesta época é que aparecem pela primeira vez os Super-Heróis, ou seja, vigilantes que protegem a população com seus poderes. São desta época os personagens: Super-Homem (personagem que veste as cores da bandeira americana e luta por esses ideais patrióticos), Batman, Capitão América (um soldado americano lutando contra os nazistas), Fantasma, Tocha Humana, Namor, Capitão Marvel, Lanterna Verde, etc. Não é a toa que essa época é chamada de '*Era de Ouro*' das Histórias em Quadrinhos, sendo o nacionalismo americano um dos temas centrais neles abordados.

Por isso devemos retirar de nossa mente que as Histórias em Quadrinhos são coisas infantis, apenas e unicamente para as crianças. Essa visão preconceituosa inibe nosso estudo, escondendo a real importância deste meio de comunicação na sociedade contemporânea. As Histórias em Quadrinhos abordam hoje assuntos cada vez mais complexos, desde o preconceito até a sexualidade e a vida em comunidade. Na contemporaneidade, as Histórias em Quadrinhos são consideradas uma obra de literatura, assim como o livro, e tem grande interesse e procura pelo público em geral.

Mas, voltando novamente à pergunta principal deste artigo, qual é o lugar das Histórias em Quadrinhos na dimensão pedagógica? Será que ela pode ser considerada uma ferramenta metodológica para a disciplina de Filosofia?

Antes do aprofundamento, devo lembrar algo importante: grande parte dos intelectuais, em diferentes momentos históricos, repudiou as artes modernas, ou melhor, suas artes contemporâneas, desde a literatura, passando pela música e chegando até á escritos filosóficos, como meio de ensino. Assim como Wertham, a filosofia tem seus críticos e entusiastas dos modelos 'antigos' ou defasados, ou seja, a filosofia para eles deve ser apenas e unicamente acadêmica. Ainda hoje discutimos se Voltaire era um filósofo que escrevia literatura, ou um escritor literário que fazia filosofia, sendo que suas obras são usadas tanto para a disciplina Literatura como a de Filosofia. Jostein Gaarder, o escritor de '*O mundo de Sofia*', é criticado por, nesta obra, ter transformado a filosofia em algo superficial, não aprofundando os temas dela e mostrando algo apenas para o público 'leigo' (uso leigo apenas como meio de falar daqueles que não tiveram um contato com a filosofia).

Como estudantes e professores de Filosofia, não podemos esquecer que essa mesma filosofia nasceu em meio à arte poética, seja criticando a sua forma de entender o mundo, seja utilizando dela para passar seus conhecimentos adquiridos. Platão produziu toda sua filosofia baseado na forma teatralizada. Alguns chegam a dizer que

isso demonstra uma inveja dele para com os poetas de sua época. Santo Agostinho criou sua obra seguindo os passos de seu mestre, pois ela é toda em forma de diálogo. Erasmo de Rotterdan faz seu *'Elogio a Loucura'* na forma de oratória. Segundo algumas fontes, Nietzsche, assim como Adorno, escreveram algumas músicas em vários momentos de suas vidas. Vários intelectuais já se aventuraram por diferentes linguagens, e isso é sempre um grande desafio. Aqui podemos divagar um pouco: será que existe uma única forma de fazer filosofia, ou a filosofia é algo inerente ao ser humano, tornando-se tão diversa quanto o número de pessoas que existe no mundo? Creio que a segunda opção é mais clara para a filosofia, pois como diz Kant na máxima atribuída a ele, *'não se ensina filosofia, mas se ensina a filosofar'*. Não existe uma filosofia pura, e sim uma *forma* de fazer filosofia.

Assim como grande parcela de professores e intelectuais que estão em contato constante com a modernidade, filósofos de diferentes áreas defendem as novas artes e movimentos artísticos, principalmente como novas ferramentas pedagógicas. É por isso que tenho em mente que, no momento em que uma obra de arte torna-se agradável aos jovens, nós, professores e alunos de filosofia, poderemos dizer que temos uma nova forma pedagógica de dar aulas.

Em aulas no ensino médio, na linguagem filosófica que usaremos com os alunos, devemos abordar o mundo do aluno (desculpa a redundância, mas ela é fundamental). Quando determinamos os temas a serem trabalhados, podemos e devemos 'amarrar' esses conceitos com o dia-a-dia do aluno, mostrando a capacidade da filosofia na vida de cada um. Isso não é tornar a filosofia prática, nem dar um sentido para a filosofia no currículo escolar (o que, diga-se de passagem, seria muito bom), mas muito pelo contrário, é fazer o que Sócrates fazia na Polis grega, ou seja, fazer *Filosofia*. Essa forma de fazer filosofia é a forma de 'parir idéias', utilizando do método socrático. As Histórias em Quadrinhos tem uma 'mágica' diferente do que o meio acadêmico de criar conhecimento, e essa 'mágica' é a capacidade de aproximar á todos em uma nova comunicação, ligada tanto com a imagem como com a escrita.

Segundo Luyten, as Histórias em Quadrinhos:

Podem servir de reforço à leitura e constituem uma linguagem altamente dinâmica. É uma forma de arte adequada à nossa era: fluida, embora intensa e transitória, a fim de dar espaço permanente às formas de renovação. (...)

Quando nos conscientizarmos disto, com uma prática de condução de leitura junto ao leitor – adulto ou criança –, fazendo-o avaliar o

universo contido na fantasia vivida, chegaremos, sem dúvida, a conclusões imprevisíveis.

A partir do momento em que desenvolvermos na criança (...) esta percepção crítica, ela própria buscará novas alternativas e será o elemento do futuro que requisitará e conquistará novos espaços dentro da cultura brasileira.

(LUYTEN, 1984, p. 8)

Como forma de leitura, devemos incentivá-la no processo pedagógico, pois hoje o jovem tem pouco ou nenhum interesse por ela. Isso é um fato: os alunos não lêem textos longos e cansativos. Não podemos chegar com textos clássicos, que não tem relação com o mundo dos alunos ainda, como o texto *'O Príncipe'* de Maquiavel, ou *'O Leviatã'* de Hobbes, ou mesmo a *'Política'* de Aristóteles, e exigir sua leitura imediata. Os jovens não entenderão essas obras, e a função do professor é instigar o interesse deles para com a disciplina de Filosofia. Então, dando um exemplo de aula, através da saga *'Guerra Civil'* do universo Marvel, podemos introduzir o jovem no mundo conceitual da Política, mostrando como sua prática está relacionado com a vida de todos os personagens, e com isso, envolver os alunos em todos os momentos desta história. Nós podemos incluir em meio à saga fragmentos destes pensadores citados acima, mostrando a originalidade e atualidade de seus escritos. Hoje, no mercado ilustrativo atual, é comum utilizar textos clássicos mudando o enfoque, ou seja, transliterando um clássico, mas mudando o contexto: um discurso de Jonh Kennedy na história do Super-Homem, ou de Luther King em uma história do Batman.

É esse suporte para o dialogo e a crítica que deve tornar-se uma possível ferramenta para a filosofia: possível se o jovem já tiver contato com ela, assim como o jovem ter contato com a linguagem filosófica. O exemplo dado agora é apenas um em uma grande gama de exemplos, e vai da imaginação do professor partir em outros caminhos e temas.

O dinamismo das Histórias em Quadrinhos, que é proposto por Luyten, é de grande importância para a filosofia, pois hoje essa disciplina tem pouco tempo em uma sala de aula (restringido a um período por semana nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul), dificultando o trabalho do professor. Mas também o próprio professor deve ter contato com essa arte, contato com as Histórias em Quadrinhos.

Chegamos a um aspecto muito importante: como poderei utilizar desta ferramenta se não tenho contato com ela, se não gosto dela? O professor deve estar habituado com as Histórias em Quadrinhos, conhecer seu meio e sua evolução, sua

dinâmica narrativa, e as diferenciações do mesmo. Ele deve trabalhar com seu gosto nas temáticas abordadas, mas não se restringir a ele, e sim, estar ‘evoluindo’, em contato com o gosto do aluno e da realidade da qual vive, para com isso adquirir novas visões e materiais a utilizar. Não estou dizendo que aquele professor avesso as Histórias em Quadrinhos deve ser forçado a gostar deles. Muito pelo contrário. Os professores que tem prazer pelas Histórias em Quadrinhos devem ser incentivados a trabalhar com os alunos com esta forma de arte, até para com isso produzir um diálogo mais forte com seus interlocutores.

Segundo Daniel Horn da Rosa, mais conhecido como Daniel HDR, ilustrador e professor da Unisinos, Feevale e PUC-RS da cadeira Quadrinhos e Artes Sequênciais, o:

(...) poder visual da narrativa dos quadrinhos (...), bem como sua abordagem criativa (...), com a construção de seus personagens por meio de recursos literários, grafismos com as artes plásticas, composição e escolha de cenas das páginas com a linguagem cinematográfica, faz da HQs uma das mídias mais completas, que não a tornam apenas popular, mas em seu aspecto ‘pop’ tem poder elucidativo, contestador e didático. (...) Essa posição lhe possibilita uma função sociopedagógica muito forte e infelizmente muitas vezes subestimada.

(HORN DA ROSA, 2005, p. 102)

Uma arte popular que tem poder contestador e didático. Com isso, já defendemos o uso das Histórias em Quadrinhos no meio pedagógico, principalmente para a filosofia. As Histórias em Quadrinhos são o início de um diálogo, e dele partiremos para conceitos e debates mais profundo, em novos campos de ação humana. Como disse acima, a gama de exemplos é muito grande e vasta, e vai do professor delimitar seu trabalho. Essa delimitação é uma garantia de que o conteúdo não se banalize, pois não podemos perder o trabalho discursivo de vista e a importância dele na metodologia de aula. A importância da leitura e da escrita não deve ser contestada, mas as Histórias em Quadrinhos podem se tornar ferramentas no processo de ensino. Para citar um pensador da área filosófica, Umberto Eco , no livro *‘Apocalípticos e Integrados’*, faz um estudo da ‘cultura de massa’ na sociedade contemporânea, e como podemos usar dela para a educação desta massa.

A nosso ver, se devemos operar *em e para* um mundo construído na medida humana, essa medida será individuada não adaptando o

homem a essas condições de fato, *mas a partir dessas condições de fato*. O universo das comunicações de massa é – reconheçamo-lo ou não – o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, do rádio, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva. Ninguém foge a essas condições, nem mesmo o virtuoso, que indignado com a natureza inumana desse universo da informação, transmite o próprio protesto através dos canais da comunicação em massa, pelas colunas do grande diário, ou nas páginas do volume em *paperback*, impresso em linotipo e difundido nos quiosques das estações.

(ECO, 1970, p. 11)

Devemos buscar o aluno neste mundo ‘mediano’, um mundo que está estático com relação ao aluno e suas mudanças, pois é neste mundo que ele está inserido, e, a partir deste mundo, começar a crítica. Hoje, com o advento da tecnologia e a massificação da mesma na população, é muito fácil criticar o mundo, mas o objetivo da filosofia no ensino médio não é apenas criticar, é buscar possibilidades, é trabalhar a linguagem filosófica *dos e com* os alunos.

Com isso, a utilização das Histórias em Quadrinhos como meio pedagógico torna-se um caminho. Se levarmos em conta o contato dos alunos com essa arte, poderemos discutir a História em Quadrinho, analisando-a previamente, e trabalhar em sala de aula reflexões propostas por ela. Um outro exemplo desta ferramenta seria utilizar um pequeno diálogo da personagem ‘Mafalda’, de Quino, e daí partir para a busca de sentido das palavras que é usada nele, assim como a disciplina Português faz a algum tempo em seus livros didáticos, mostrando e estudando os quadrinhos com seus alunos. Hoje em dia, com o advento da tecnologia, onde grande quantidade de jovens possui um computador em suas casas, podemos até distribuir as Histórias em Quadrinhos por e-mail, dinamizando o processo, mandando como trabalho de casa a sua leitura, e fazer em aula um diálogo crítico/reflexivo sobre a história, partindo de uma leitura subjetiva, mas buscando encontrar os conceitos e temas objetivos. Não podemos também perder a possibilidade de produzir, junto com os alunos, Histórias em Quadrinhos questionando a realidade de seu meio, e quem sabe, com aulas interdisciplinares (Artes, História, Português), aumentar a visão do jovem e a sua culturalização. Utilizo esse conceito, que é visto em Theodor Adorno no texto ‘*O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição*’, pois define melhor o que estou querendo dizer.

Neste momento até entendo a visão de Adorno com relação à arte, pois precisa-se de alguém que possa julgar que tipo de História em Quadrinho podemos ou não usar em sala de aula, como será a sua metodologia, qual didática empregar, etc, mas esse alguém só pode ser o professor.

Devemos dar aval para o gosto do professor para a qual História em Quadrinho usar, e determinar sim, em grupo (Círculos de Pais, Direção da Escola, Comitê de profissionais da Filosofia), qual conteúdo trabalhar e quais suas diretrizes principais a seguir.

Mas, para isso, como professores, temos que sempre ter em mente que, *grandes poderes trazem sempre grandes responsabilidades*.

Essa liberdade do professor não anula o trabalho metodológico, mas ao contrário, o aumenta. Seguindo a configuração da turma, partir para a escolha do material pode ser cansativo, pois cada turma é diferente. As turmas têm gostos diferentes, linguagens diferentes, enfim, vidas diferentes. Nós temos uma quantidade muito grande de material a utilizar, mas quantidade não quer dizer qualidade. A possibilidade de usar essa ferramenta deve ser controlada de forma ditatorial pelo professor, pois as Histórias em Quadrinhos são produtos de uma 'indústria cultural', são artes de consumo em massa, e esse consumo não define o que é didático ou não. Segundo Eco, citando o pensamento de Marx: "(...) *Se o homem é formado pelas circunstâncias, devemos tornar humanas as circunstâncias*" (ECO, 1970, p. 19). Essa humanização da cultura só pode ser feita pelo professor. Isso é muito trabalho metodológico e pedagógico para o professor, e sabemos as agruras do ensino brasileiro, com seus professores sufocados com tantas turmas a dar aulas, horas apertadas entre cada escola, falta de aperfeiçoamento contínuo, falta de material nas escolas e, além de tudo isso, o salário pouco convidativo para uma metodologia que exige mais do professor.

Mas não podemos desistir de pensar e repensar o ensino em todos os seus campos. Criar sempre novas possibilidades, onde o ensino se transforma em algo prazeroso tanto para o aluno quanto ao professor. Esse objetivo é fundamental para a conjuntura atual. Com a tecnologia, a informação hoje está aberta a todos, inclusive aos professores, e devemos defender a liberdade desta informação, assim como a liberdade de imprensa foi defendida na década de 80. E essa liberdade deve ser educada. Devemos mostrar a capacidade da pesquisa como fonte de saber, e orientar o aluno por esse mundo da informação rápida.

Agora um ponto crucial deste artigo, assim como uma defesa: a informação não é um bem sujeito á regras do consumo, mas sim deve ser aberto a todos que a querem desfrutá-la. A História em Quadrinho também é informação, assim como o livro, jornal, filme, desenho animado e até a música. Os direitos autorais, na atualidade, devem ser revistos na Constituição, pois inibe a educação da população. Apenas para citar, em varias páginas e fóruns da internet, se distribuem e divulgam materiais diversos, desde Histórias em Quadrinhos, até filmes e livros, tudo de graça. Qualquer pessoa pode baixá-la da rede mundial, e ficar com uma cópia em seu banco de dados. Isso não é uma apologia à pirataria, pois pirataria envolveria o dinheiro e o lucro, mas sim uma defesa da liberdade de informação para um bem maior, e esse bem é a educação.

As Histórias em Quadrinhos fomentam a leitura, criam novas possibilidades de percepção dos espectadores, mostra, de forma dinâmica e lúdica, a realidade de cada leitor, transferindo o lugar do diálogo crítico a um novo nível, mas subjetivo, mas não menos social. Ela cria mecanismos de diálogo, transforma a capacidade crítica e fomenta o aprendizado, mostrando ao aluno o gosto pelo aprender, e o gosto por filosofar. Aproxima esses dois eixos, professor e aluno, mostrando a realidade de forma complexa e integrada.

E assim, termino esse artigo com uma citação de Luyten, que sintetiza o que quero dizer:

(...) É de grande importância estimular a consciência crítica, a partir da leitura dos quadrinhos para extrapolar as discussões sobre a realidade brasileira e o meio em que vivemos.  
(LUYTEN, 1984, p. 84)

## REFERÊNCIAS

LUYTEN, Sonia M. Bibe (org). **Histórias em Quadrinhos – Leitura Crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, 91p.

HORN DA ROSA, Daniel. Mangá e os quadrinhos em geral como agentes culturais. In: \_\_\_\_\_. **LUYTEN, Sonia M. Bibe (org). Cultura Pop Japonesa – Mangá e anime**. São Paulo: Editora Hedra, 2005. p. 101-105

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. 390p.